



Léa Rudnitzki

Jacó Guinsburg

Resumo: O texto que segue põe em circulação dois poemas de Lea Rudnitzki, nascida na Lituânia, em 1916, e morta, vitimada pelo nazismo, em 1943. A poeta destacou-se em organizações de resistência, testemunhando, em seu livro *Através da Névoa*, a certeza do extermínio iminente dos judeus que a atingiu bem como a quase todos os seus leitores da época. A escritora escrevia em ídiche e é a partir desse idioma que foram feitas as duas traduções.

Palavras-chave: poeta, ídiche, II Guerra Mundial.

Léa Rudnitzki nasceu em 1916, na cidadezinha lituana de Calvário. Estudou em Covno, onde foi discípula de Natan Gorein (Grinblat). Seus poemas começaram a ser publicados na imprensa da capital da Lituânia, sobretudo no diário *Folkszeitung*. Em 1940 chegou a Vilna. Sua produção poética chamou a atenção do filólogo e crítico Noach Prilutzki, uma das figuras centrais dos estudos lingüísticos do ídiche e do movimento cultural neste idioma na Polônia entre as duas guerras mundiais, que publicou no almanaque *Untervegs* uma poesia de Léa. O poema repercutiu no meio literário da então ainda vital e criativa “Jerusalém” do leste-europeu aschkenazi. Mas, no gueto, a poeta salientou-se também por sua participação nas organizações de resistência, ao mesmo tempo que continuava a compor seus poemas, reunindo-os em um livro intitulado *Através da Névoa*, no qual dá vazão aos terríveis acontecimentos de que era testemunha e vítima. De sua obra pouca coisa salvou-se. “O Fugitivo da Ilha da Morte” é um desses textos remanescentes. Nele ressoam a trágica angústia não só do pressentimento como da certeza do extermínio que se abatia e o cego desespero pela impossibilidade de reagir com a devida força à sanha alemã. Colhida pela fúria assassina do nazismo, em setembro de 1943, Léa Rudnitzki foi enviada a Maidanek, onde pereceu como quase todos os seus leitores da época.

Revista de Estudos Orientais n. 5, pp. 179-184 - 2006 179



O FUGITIVO DA ILHA DA MORTE

por Léa Rudnitzki

Traduzido do ídiche
por Jacó Guinsburg

Ide, ó, fantasmas!
Despedaço todos os céus
e a terra incendeio
com as chamas de meu corpo;
arranco meu coração
com todo o seu sangue
e o coloco aqui
nas palmas de minhas mãos.
Ha, ha, ha...

Que faço agora na angústia noturna?
Quem sou eu?
Um murmúrio de folhas,
um sopro de vento,
que se esvai
e se desvanece
como se nunca existisse?

Talvez eu seja
o uivo de um cão,
que erra ferido
por montes, por vales
que cai e agoniza onde houver uma palha
morrendo sem eco,
assim simplesmente...

Terei porventura nascido
em leito materno,
sob a carícia de luzes
e o sorriso de lábios



ao som de uma prece
por anos felizes?
E talvez?
E talvez – em sótãos,
em porões e em covas,
o pulsar de corações
em diabólica febre;
quando se ouve um olhar
e os olhos são ouvidos,
a alma e o corpo –
uma só e grande espreita;
quando as corujas se apressam
e se retorcem os gemidos,
fulja entre os dentes
um grito agrilhado:
E se?

Sumi, ó, fantasmas,
parti, ó, lugubres visões!
Por portas e janelas,
com machados e punhais,
com machados e punhais...

E RUBRA É A NEVE...

Tradução do ídiche
por J. Guinburg

O primeiro:
Os minutos explodem com chumbo e com sangue,
e rubra é a neve.
Rubro é o rastro disforme
dos passos que eu dou... que eu dou.



O segundo:

Ei, ei!

Terás u'a camisa cobrindo-te as chagas?

Um canto de cama para o amargo descanso

um raio de sol, o pão sobre a mesa

e uma faca também?

O primeiro:

Lá,

na soleira de pedra da casa deserta,

minha dor algemada vigia.

E à noite,

quando a mão do meu sonho para lá me conduz,

as estrelas são lágrimas, caindo do alto.

O segundo:

Deixa a mão do teu sonho na estrada

que vai para a angústia dos dias extintos.

Não cerres agora teus olhos!

Na torre do Mundo

em ousadas batidas

a Hora chegada proclama:

Em guarda! Em guarda!

O primeiro:

Na soleira de pedra da casa deserta,

minha dor algemada vigia.

E ainda rubra é a neve

como rubro é o meu rastro...

rolando em meu peito...

O segundo:

Como tu, caminhamos, as vestes rasgadas,

o passo arrastando grilhões

sobre a rua que espreita

o sol de punhais

na pupila dos olhos.



O primeiro:
Azul está o céu,
e o céu não espalha o plúmbeo das cinzas
sobre a cabeça do mundo...

O segundo:
E a terra?

O primeiro:
Tem sede de sangue
de sangue vertido
como o coração...
Pelo raio da lâmina no ansiado minuto;
um golpe...
E o rubro da neve em rosas floresce.

O segundo:
Os minutos explodem com sangue e com chumbo,
e ainda rubra é a neve...

O primeiro:
Ei! ei!
Nas fileiras do tempo marcha a Hora suprema
vestida de branco... em branco fulgura.
E o punhal que ela ostenta
de aço brilhante
é agudo e cortante
como é nosso olhar que vigia
a garganta assassina:
Um golpe...
E o rubro da neve em rosas floresce.

Os dois juntos:
Um golpe –
e o rubro da neve, em rosas floresce.



Abstract: The following text puts in circulation two of Lea Rudnitski's poems. She was born in Lithuania in 1916 and killed by the Nazis in 1943. The poet distinguished herself in resistance organizations and testified in her book *Through mist* the conviction of Jews' impending annihilation that hit her as well as almost all her readers in that period. She wrote in Yiddish and both translations were made from this language.

Key words: poet, Yiddish, Second World War.

